

**KID BENGALA: O ESTEREÓTIPO DO HOMEM NEGRO NA PORNOGRAFIA
BRASILEIRA**

**KID BENGALA: THE STREOTYPE OF BLACK MAN IN BRAZILIAN
PORNOGRAPHY**

*Carolina Fernandes Carvalho*¹

¹ Discente do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Mestrado da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, *campi* Marília/SP.

Resumo

Este trabalho propõe apontar como a pornografia é uma continuidade da sociedade comum ao reproduzir os estereótipos dos homens negros, deste modo será o ator/personagem Kid Bengala e o que se é comentado da figura masculina negro. Junto deste ponto, será feita uma análise de como a sexualidade e a personalidade do homem negro são pintados e observados em um viés racista, que o diminuiu enquanto indivíduo. Primeiro se faz necessário um levantamento teórico e sociológico de como o homem negro é observado: na vida comum, percebe-se com frequência, por exemplo, “piadas” assemelhando-os a primatas ou/e comparando seus órgãos sexuais a tamanhos animais. Logo, essas movimentações encaram o homem negro como um animal, sendo assim sem inteligência e com uma libido incomum. Portanto, o trabalho pautou-se em autores importantes para se estudar a sexualidade negra, como Angela Davis, Osmundo Pinho e Rolf de Souza. No tocante, a pornografia enquanto ferramenta capitalista traz junto de si a função da figura negra para promover o consumo, fragmentando-o e apresentando como apenas um ser passível para o interesse do público, sem ser um ser-humano com emoções, necessidades e características pessoais.

Palavras-chaves: Pornografia, sexualidade, racismo, masculinidade negra.

Abstract

This work proposes to point out how pornography is a continuity of the common society when reproducing the stereotypes of black men, in this way it will be the actor / character Kid Bengala and what is commented on the black male figure. Next to this point, an analysis will be made of how the black man's sexuality and personality are painted and observed in a racist bias, which diminished him as an individual. First, a theoretical and sociological survey of how black men are observed is necessary: in ordinary life, one often perceives, for example, “jokes” resembling primates or / and comparing their sexual organs to animal sizes. Therefore, these movements see the black man as an animal, thus being without intelligence and with an unusual libido. Therefore, the work was based on important authors to study black sexuality, such as Angela Davis, Osmundo Pinho and Rolf de Souza. In this regard, pornography as a capitalist tool brings with it the function of the black figure to promote

consumption, fragmenting it and presenting it as only a being liable to the public's interest, without being a human being with emotions, needs and characteristics personal.

Keywords: Pornography, sexuality, racism, black masculinity.

Não posso dar mole senão você créu

(....)

A sensualidade da raça é um dom

Nelson De Moraes Filho / Paulo Roberto Dos Santos Rezende

Categorização da pornografia dentro do capitalismo

A pornografia está cada vez mais presente no dia-a-dia da população, especialmente após a guinada de computadores pessoais e celulares (ABREU, 2012). As pessoas a consomem, por curiosidade, interesse e outros motivos que aqui não se responsabilizam. Portanto, estão consumindo além de recursos audiovisuais, Internet e ciências de dados, estão consumindo *também* pessoas. Por ser um espaço cibernético aberto e sem fronteiras, há categorias e mais categorias que enquadram os atores e performers em tipos de corpos, cores de cabelo, meios de simulação (como *hardcore* e *softcore*), gênero e, especialmente, etnias ou/e cores de peles.

No cenário brasileiro em que a miscigenação foi usada em primeiro momento como um problema a ser resolvido e, depois, uma bandeira a ser defendida como democracia racial, parece ser de um nível extremo de abstração esses recortes, e essas funções de gênero ao procurar um vídeo pornô. No entanto, essa abstração é de fato prática e empírica, que atinge níveis extremos ao encontrar um performer negro.

Neste trabalho, tem como objetivo central levantar como a pornografia é uma continuidade da sociedade comum ao reproduzir os estereótipos dos homens negros, observando o ator/personagem Kid Bengala. E seus objetivos específicos é exemplificar como a sexualidade e a personalidade do homem negro são observadas em uma ótica racista.

É importante ressaltar que, aqui, a categoria pornografia, às vezes abreviada como pornô, é observada como um produto, um fruto do capitalismo, sendo que existe uma movimentação em “fazer do sujeito uma reserva interminável de ejaculação planetária que pode ser transformada em abstração e dados digitais – em capital.” (PRECIADO, 2008, p. 48 – 49). Destarte a esse trecho, a pornografia é uma indústria pornográfica, que associa consumo e produção.

Do mito do estuprador negro ao King Kong: quem é o homem negro?

Angela Davis, importante teórica antirracista, em seu livro *Mulheres, Raça e Classe*, dedica-se em um capítulo inteiro para discorrer sobre como o homem negro é observado na sociedade; no caso, a estadunidense e branca. Ela apresenta dados sobre o crescimento de crimes sexuais, especialmente o estupro, e como esta violência é usada em determinados como aparato para aceitar a violência extrema contra a comunidade negra. Davis (2016) aponta que muitas teóricas antiestupros evitam falar sobre o falso testemunho de estupros, em que é dito que o autor é um homem negro, e como isso é, muitas vezes, o estopim para prejudicar a comunidade de homens negros, ou nas palavras da autora,

O mito do estuprador negro tem sido invocado sistematicamente sempre que as recorrentes ondas de violência e terror contra a comunidade negra exigem justificativas convincentes (....) [o] uso de falsa acusação de estupro como forma de incitar agressões racistas. Um número grande demais de inocentes tem sido oferecido em sacrifício a câmeras de gás e enviados a celas de prisão perpétua (...) (Davis, 2016, p.32)

É interessante observar essa flexão, pois, Davis baseia-se nas passagens históricas dos abusos sexuais durante o sistema escravocrata dos Estados Unidos da América, e aqui, no Brasil, há uma série de relatos sobre castração e amputação dos órgãos sexuais dos homens negros escravizados (GOMES, 2019) - o que Freire em Casa Grande & Senzala (2019) diminuiu o horror. Mesmo sendo países com tempo-espço diferentes, aqui se mostra de extrema proximidade: Davis aponta de diversos modos como o racismo ceva o sexismo, e homens, mesmo não sendo o topo das coerções sexuais, sofrem as opressões. Na vida comum, percebe-se com frequência, por exemplo, “piadas” sobre os “dotes” da comunidade masculina negra, como se os seus órgãos sexuais fossem grandiosos e, por conta disso, precisam ser libidinosos na mesma medida.

Logo, existe uma função política nesse posicionamento. A violência sexual, estimulá-la ou consolidá-la, é “uma arma de terrorismo de massa extremamente eficaz (DAVIS, 2016, p.114).”, pois, há uma diminuição do ser-humano em seu grau máximo, em que é retirado seu direito e controle do próprio corpo².

Alguns estudiosos, ignorando o fato de homens negros serem “mentidos” como estupradores, dizem que o homem negro estuprador é uma forma de rebeldia contra a

² Para maiores informações sobre retirada de direitos do cidadão a fim de “diminui-lo”, indico: primeiro, a obra de Hannah Arendt, *Origens do Totalitarismo* e, em seguida, a fim de aproximar como há uma permissão para essas movimentações opressivas e repressivas, *Necropolítica* do Achille Mbembe.

população branca que o tanto reprime e oprime. Um desses exemplos é de Susan Brownmiller que publicou o livro *Against Our Will: Men, Women and Rape*, o qual Angela cita neste capítulo como, apesar de ser uma observação primária do que chamaríamos de cultura de estupro, cristaliza, mais uma vez, o homem negro como alguém é impulsivo e agressivo *por natureza*: Susan tenta “evocar na imaginação de seu público leitor exércitos de homens negros, com seus pênis eretos, correndo a toda velocidade em direção às mulheres brancas ao seu alcance. (Davis, 2016, p.50)”.

Os estupradores *podem* morrer, e há um motivo, afinal, cometeu o crime máximo de horror: estuprar uma mulher (branca, deve-se ressaltar). Mas a realidade é diferente: muitas mulheres que alteram a história, na realidade, sofreram abusos sexuais se sentem receosas de apontar seus algozes (muitas vezes, também brancos). Então, reconhecem indivíduos que já são marcados, para uma imagem fácil de ser aceita na sociedade. Um exemplo que transformou como se enxerga esse tipo de comoção é o linchamento. Esta prática de *deixar morrer*³ tem semelhança não só com as ações usadas Klu Klux Klan e outras milícias racistas, mas uma permissão civil de matar, torturar e estimular a morte da comunidade negra. Davis mostra que:

Antes que os linchamentos pudessem ser consolidados como uma instituição popularmente aceita [...] a barbaridade e o horror [...] precisavam ser justificatidos [...] Essas foram as circunstâncias que engredaram o mito do estuprador negro – pois a acusação de estupro acabou por se tornar a mais poderosa entre as várias tentativas de legitimar os linchamentos de pessoas negras. (p.260, 2016)

Um caso que ficou extremamente famoso foi o do pré-adolescente Emmet Till. O jovem estava em uma loja de doces e, por algum motivo púbere, estava assobiando para os seus colegas. E indivíduos brancos pressupuseram que o menino estava assediando uma mulher branca. Dois homens resolveram corrigi-lo: Emmet foi torturado ao ponto que um dos seus olhos saiu da órbita e foi morto à queima-roupa⁴. Depois de meio século, a mulher falou que *poderia* estar errada, que Till *poderia* não tê-la assediado e sim, estar brincando com outros jovens⁵. Este caso, em 1957, foi o estopim para estourar o Movimento dos Direitos

³ Nesta constatação, além da obra Necropolítica de Mbembe, como supracitada na nota acima, é interessante a leitura da coleção de aulas, Em Defesa da Sociedade, de Michel Foucault.

⁴ Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/12/internacional/1531418542_061754.html. Acesso em 02 de nov. de 2020.

⁵ Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-morte-de-Emmett-Till-60-anos-depois-sua-acusadora-diz-que-jovem- era-inocente>. Acesso em 02 de nov. de 2020.

Civis dos negros dos Estados Unidos da América, contando com a ampla participação dos *Black Panthers* e Rosa Parks.

Destarte a isto, há um motivo de consolidar a imagem do homem negro como um estuprador; isto é, neste trabalho, é enxergado que o mito do estuprador negro tem como raiz que o homem negro é alguém que não realiza os pensamentos de maneira ponderada, que tem e prática seus instintos de maneiras primitivas. Ou seja, semelhante a um animal.

Na tese *É tudo verdade? A exploração no documentário e o documentário de exploração*, de Lúcido de Francis dos Reis Piedade, há uma objetividade em explicar como os documentários, e de algum modo os filmes que se inspiram nestes, uma criação e construção de estereótipos e, usando o termo daviano, mito de indivíduos e países. Em exemplo, durante o século XVII, acadêmicos de diversas áreas “(...) em seu pensamento pseudo-científico e racista, viam nos negros, inferiores aos brancos na escala da humanidade, um apetite sexual animalesco, o que levaria as mulheres a copularem com macacos. (Piedade, 2007, p.70-71)”.

O autor aponta que o cinema produziu uma série de considerações embotadas, baseando-se em um discurso sem os métodos científicos, sobre como indivíduos africanos – ou o que a sociedade branca considera africana enquanto um grande país e não, um imenso continente⁶ - assemelham-se com animais, especialmente os macacos, e diversos horrores aconteciam dentro dessa comunidade intrinsicamente, desde estupros e violações físicas e sexuais até sacrifícios humanos e zoofilia.

Neste ponto, então, percebe-se que King Kong é um conglomerado de suposições. Este *rei do Congo*, um gorila imenso que, mesmo ao ser um animal, apaixona-se por uma mulher branca e é morto por forças policiais por destruir uma metrópole; na verdade, é mais uma ferramenta de associar o homem negro com um animal. Incluindo, até mesmo, alguns anos antes do primeiro filme do King Kong, 1933, ser lançado, havia um zoológico em que um ser-humano vivia-se com macacos na mesma jaula, em 1906:

Ota Benga (...) sendo alojado primeiramente no Museu Americano de História Natural da Cidade de Nova York. Posteriormente, foi abrigado em uma jaula na Casa dos Macacos do Zoológico do Bronx, que dividia primeiro com um chipanzé e depois com um orangotango, tornando-se um espetáculo zoológico para um público ávido por excentricidades. Segundo relatos da imprensa da época, Ota Benga não podia ser diferenciado dos outros macacos, sendo que as fotografias e sua caracterização reforçavam sua posição de “elo perdido”. (Piedade, 2007, p.75)

⁶ Recomendo aqui uma leitura especial em *História da África e dos Africanos*, de Paulo Fagundes Visentini, Analúcia Danilevicz Pereira e Luiz Dario Teixeira Ribeiro.

O filme King Kong, segundo Piedade, é “um conto de fadas capitalista, metáfora imperialista, alegoria do inconsciente, e espetáculo recalcado de tabus raciais. (2007, p.84).”, é aqui observado como o chamariz implícito de como o homem negro é visto. Ao mesmo tempo em que ele é um perigoso gorila, ele também, por ser um animal, não mostra um nível de pleno de inteligência.

Dito isto, no Brasil, essa imagem do homem negro é apresentada deste modo e com uma continuidade: Freire (2019) mostra um homem negro escravizado preguiçoso, sem vontades e desejos. Sua inteligência parece muitas vezes ser insignificante: o homem negro muitas vezes nessa obra é posto com sentimentos insignificantes, que não se preocupou ou lutou por sua comunidade e família. Esse tipo de argumento sustenta o motivo de serem escravizado. E como de algum modo, no Brasil, houve um sistema escravocrata familiar, em que as pessoas escravizadas eram vistas como filhos dos seus algozes, os senhores de engenho.

Isto é um animal? Pornografia e suas aproximações com a racialização do desejo

Em primeiro momento, é necessário ver que a indústria pornográfica brasileira “(...) está atravessada por uma "economia racializada do desejo", como uma forma de "*political theater*", uma vez que apresenta uma verdadeira fascinação com a diferença racial e suas variações. (PINHO, 2012, p. 162)”. Por ser um país colonizado, no sul político do globo, o desejo, o sexo, a sexualidade e suas construções e reproduções são alicerçadas em uma flexão étnica. A teatralização/simulação do sexo, aqui observada e categorizada como pornografia, flexiona-se diante de uma re-afirmação do *status quo*, especificamente, neste artigo, das pessoas negras.

Em seu artigo *Racer Fucker* (2012), Osmundo Pinho debruça sobre a pornografia gay que tem como um dos atores o homem negro. E faz um movimento interessante em que este gênero pornográfico é:

uma usina de manipulação de estereótipos e de um erotismo marcado pela diferença racial (assim como por outras), poderia ser considerada como aparelho de produção, marketing e disseminação de categorias da diferença como subgêneros de formas fetichizadas em um teatro político racializado. (Pinho, 2012, p. 164).

Neste trabalho, por sua vez, dedicar-se-á ao Kid Bengala, personagem e/ou ator negro que é participante ativo da Produtora Brasileirinhas. E esta, como o próprio nome diz, repete-se a

imagem que existe a imagem “mulata tipo exportação”. Nos últimos anos, a produtora ressignificou sua presença, especialmente na Internet; parou de produzir material físico e voltou-se ao virtual: criou *reality shows*, lançamentos semanais no *site* e sessões de *camgirl*, entre outros com valores mensais que variam de 19,90 reais a 59,90 reais. Segundo o *site* da empresa⁷, é a maior produtora nacional de filmes pornôs.

Na produtora, um dos seus atores presenciais é o Kid Bengala, que às vezes confunde-se o performer com um personagem. Há uma lista extensa de suas participações em filmes e produções⁸, a maioria fazendo alusão ao seu pênis, que mediria em torno de 33cm. Nisto, é fundamental atentar que: pensar que seu órgão sexual ultrapassa o comum remete-se a uma ideia de semelhança ao reino animal. Ou como em uma das descrições de filme remete “um pênis igual de um cavalo”.

Outro ponto é que ele sempre é colocado como uma figura viril, o que *fode*, come; no *site* supracitado, existe um leque de associações, é o “grande comedor”, que “não perdoa ninguém”, tem “a maior rôla do pornô nacional” e “manda ver”, e outros termos que associam a uma função violenta e animalesca, fragmentada de ser-humano. Mas, afinal, esse personagem/performador é um ser-humano? Há cansaço, processos bioquímicos de sua libido? Paulatinamente, em seu perfil, Kid é insaciável, incansável, imperdoável.

Parece ser um tanto quanto irônico que um dos maiores atores pornográficos brasileiros, e um que mais parece entre *memes* e redes sociais, tenham um cunho, no mínimo, animalesco. A história brasileira é engessada a movimentos de coerção sexuais: em Casa-Grande & Senzala (2019), se mostra um escravo manso, flauto, morno, o qual aceitava as violências nele exercida por não ter capacidade de movimentar-se, rebelar-se. No entanto, como Laurentino Gomes (2019) descreve, houve um corte sistêmico nesses movimentos, inclusive estuprando-o na frente da família para que houvesse perda de respeito.

Outro ponto que precisa ser destacado nessa rápida olhada no perfil do Kid Bengala no *site* Brasileirinhas é que: a parceria constante dele é a presença dele de uma mulher branca. Para Mayall e Russell (1993) esse gênero, considerado *inter-racial*, é muito comum também nos Estados Unidos da América e atentam que, normalmente, 77% das vezes a etnia de uma das pessoas – seja a negra ou a branca – é citada no título.

⁷ Disponível em <https://www.brasileirinhas.com.br/>. Acesso em 02 de nov. de 2020.

⁸ Disponível em <https://www.brasileirinhas.com.br/atriz/kid-bengala.html>. Acesso em 02 de nov. de 2020.

Essas categorias, em especial a que são afirmativas com etnias, é um processo de minimização do ser-humano, em que se reproduzem estereótipos e moldes, e do que se espera da comunidade que aquela cor (etnia) representa-se na sociedade branca e ocidental. Pinho, por sua vez, mostra que há uma aproximação de que é de fato uma indústria: escolhe o gênero/categoria e recebe o que se espera.

(...) a incrível quantidade de filmes pornôs disponíveis se articulam como uma ordenação que produz critérios de classificação, por meio de uma conversão baseada já no caráter de mercadoria das imagens consumidas. (Pinho, 2012, p.171)

Na lista de vídeo diversas vezes da Produtora Brasileirinhas, é citado que Kid Bengala está com uma atriz morena ou loira. Mayall e Russell (1993) dizem que é possível que a forma como seja retratada a presença do homem negro é uma artimanha abstrata de afastá-lo da mulher negra, o que remete também ao que Davis (2016) diz sobre: do outro lado do espelho do mito do estuprador negro, há o mito da mulher negra prostituta ou da mulher negra “barraqueira”, libidinosa e escandalosa.

A presença constante de mulheres brancas ou peles mais claras vai em um ponto que levanta a questão de masculinidades, pois, como destarte neste trabalho, o homem negro foi envolvido ao mito de estuprador para proteger a mulher branca pudica. Ou, como De Souza aponta:

identificando que os homens negros eram inferiores e, paradoxalmente, esta inferioridade seria, ao mesmo tempo, uma ameaça para o homem branco, ao que o havia de mais valioso nesse contexto social, que é a mulher branca. Ela, por possuir o ventre que dá braços saudáveis à nação, não poderia ficar à mercê dos homens negros, pois as mulheres brancas se contaminariam com a impureza africana, além disso, ela poderia desejar, (e pior) gostar desses homens. (De Souza, 2013, p. 37)

Em outros momentos, mesmo que haja outros performers, Kid Bengala não está com outros homens brancos. Novamente, Mayall e Russel (1993) apontam como isto é comum na pornografia estadunidense: o homem negro não entra em contato com o homem branco, se os dois aparecem na capa ou nos posters. Ao encenar com outros homens, Kid só encena com outros atores negros – e nunca em um sentido sexual, sempre é posto como dois familiares, conhecidos e amigos, que estão em busca da mesma mulher.

Em exemplo, em um dos filmes Tio Kid, encena somente com outro ator Yuri, que simula ser seu sobrinho, e Kid o ensina como conquistar – se é que se pode ser usado essa flexão aqui – outras mulheres. Na descrição, apesar de observar uma intenção do aprendizado, coloca a

competitividade entrelinhas: de quem essas mulheres gostarão mais? Além dessa rivalidade, Yuri é visto como um sucessor de Kid Bengala, como mostrado no Prêmio Sexy Hot de 2015⁹.

Qual é a função do homem negro?

Segundo Rolf Malungo de Souza (2013), é visto que há uma masculinidade hegemônica, e essa é branca e ocidental. Como aspecto contrário, a masculinidade negra é vista como animalesca. Essa justaposição traz um ponto fundamental, e muitas vezes esquecido:

embora os homens possuam vantagens sociais por sua condição de gênero, eles não compartilham estas vantagens uniformemente, já que há assimetria baseada na classe, raça/ etnia, religião e, obviamente, orientação. (De Souza, 2013, p.36)

Isto é, as relações de poder na pornografia são embotadas pela estrutura de como é desenhada a masculinidade. O homem negro, dentro da pornografia nacional, continua sendo o homem negro da sociedade comum, mas com um aspecto catalisador: as produtoras pornográficas são grandes conglomerados que visam o lucro, por isso, é interessante cristalizar cada vez mais esses estereótipos e moldes que se enxerga a sexualidade. E Preciado (2018) mostra como a pornô e o capitalismo se aproximam:

Somos confrontados com um novo tipo de capitalismo: quente, psicotrópico e punk. Essas transformações recentes impõem um (...) de controle de subjetividade por meio de novos protocolos técnicos biomoleculares e multimídia. (Preciado, 2018, p. 37)

Ou seja, qualquer corpo na pornografia é “sempre farmacopornografico, um sistema tecnovivo que é efeito de um mecanismo de representação e produção cultural muito difundido. (PRECIADO, 2018, p. 51)”. No entanto, o corpo negro é absorvido em níveis extremos, alicerçada em uma história e sexualidade colonizada, como, por exemplo, como o branqueamento da população brasileira foi desejada e estimulada com a vinda de imigrantes europeus. Portanto, traz uma noção em que o corpo da pessoa negra só serve para funções cruas e imediatista. Neste trabalho, por exemplo, o homem negro foi observado como o homem negro representa, somente, o saciamento maquinista da libido, sendo ladeado por um discurso que o remete ao animalesco.

⁹ Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/08/premio-sexy-hot-oscar-porno-mira-glamour-tem-humor-e-defesa-lgbt.html>. Acesso em 2 de nov. de 2020.

Perceber e identificar como esses indivíduos são colocados em abas anônimas, *smarthpones* e computadores pessoais, são apropriar-se do pensamento crítico em como a fetichização e racialização do desejo são estruturas internas, e uteis, do racismo, e, em consequência, são extremamente frutíferos esses movimentos racistas para o capitalismo. E as consequências são variáveis e poucas vezes quantitativos pela ciência: o que acontece ao vender corpos fragmentados, simulações de sexo e ensinar como a sociedade se deve portar em seus momentos mais íntimos?

Como objetivo proposto deste trabalho, é que o principal cuidado ao cuidado ao analisar a pornografia e suas figuras em um viés de racialização é: questionar-se se a pornografia não simula, mais uma vez, a função do homem negro na sociedade. Portanto, qual de fato é a função de Kid Bengala como suprasumo observado enquanto homem negro dentro da pornografia nacional? É o de servir? De mostrar-se sempre pronto e preparado? Sem emoções e sem cansaço, personalidade, *alma*? Emaranhando-se na história brasileira, qual era a função da população que foi escravizada? Quiçá, o homem negro na pornografia tem a função de ser um escravo dos desejos incisivos de quem o consome, mas neste momento, seu campo de trabalho é uma tela virtual e cibernética.

Referências bibliográficas

- ABREU, Cesar Nuno. O Olhar Pornô: a Representação do Obsceno no Cinema e no Vídeo. São Paulo: Alameda Editorial, 2012.
- DE SOUZA, Rolf. (2013). Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do ocidente. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. 34. 35-52.
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GOMES, Laurentino. Escravidão – Volume 01: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro: Globo, 2019.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. São Paulo: Global Editora, 2019.
- MAYALL, Alice; RUSSELL, Diana E. H.. Racism in Pornography em **Feminism & Psychology**, UK, vol. 3, no. 2, pp. 275–281, June 1993. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0959353593032023> . Acesso em 01 de set. de 2020. Doi: [10.1177/0959353593032023](https://doi.org/10.1177/0959353593032023)
- PINHO, Osmundo. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 38, p. 159-195, June 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 Nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100006>.